AS SOCIEDADES ADIANTADAS E AS RETARDADAS

J. GUIMARÃES DUQUE

À medida que progridem as nações adiantadas torna-se maior a diferença do desenvolvimento em comparação com os países atrasados.

A desigualdade da evolução entre as nações européias e as africanas, e a que ocorre entre os povos da América do Norte e os da América do Sul são exemplos frisantes.

O mesmo fenômeno surgiu entre regiões do mesmo país, como, por exemplo, o adiantamento dos Estados sulinos do Brasil e a condição do Nordeste.

O progresso é avaliado pelo volume, valor e diversificação da produção, pela renda "per capita", pela alfabetização e nível técnico dos habitantes, pelo índice de saúde e, enfim, pelo grau de bem estar geral das populações.

As comunidades atrasadas são aquelas que apresentam baixo índice de saúde, pauperismo da massa, analfabetismo elevado e padrão de vida inferior.

Tomando o Nordeste como ponto para o nosso estudo, verificamos que há, também, uma linha divisória no grau e na intensidade de progresso entre as populações das capitais e as do sertão.

Se a inteligência e a aptidão se manifestam igualmente nos grupos distanciados pelo progresso, e se a iniciativa é biològicamente progressiva, como admite Bertrand Russel, a razão desta disparidade não é fácil de ser explicada sòmente pela educação e pela instrução do povo.

Pondo de lado as causas mesológicas do atraso do Nordeste, por serem demais conhecidas, nós queremos salientar a grandeza dos fatores históricos e subjetivos da nossa formação social; herdeiros do brilhantismo da civilização ocidental, nós assimilamos, também, as suas

imperfeições e os seus defeitos. Além dos caracteres positivos e negativos dos tipos antropomórficos e das culturas primitivas, africana e indígena, e da civilização européia, que plasmaram morfològicamente, genèticamente e socialmente o homem brasileiro, nós absorvemos ainda qualidades deficitárias que nos vieram desde a Grécia. A civilização helênica, pôsto que tenha dado ao mundo vultos como Platão e Aristóteles, era, entretanto, muito exteriorizada; aquilo que o grego fazia era mais importante do que as suas qualidades intrínsecas. O exercício intelectual foi exagerado e, quando Roma venceu a Grécia pela guerra, os helenos absorveram o Lácio pela cultura, e o desvio na formação da personalidade humana persistiu, apesar do Cristianismo, através da Idade Média, da Renascença, da Era Industrial e da Idade Científica, chegando até nós, com todo o esplendor do progresso, o pêso de 2.000 anos de egoismo, de corrupção, de inclinação belicosa na solução dos conflitos, de desunião e de demasiada convicção científica.

A superioridade de raça tem sido negada por alguns estudiosos. O Nordeste não é tão pobre de recursos naturais e, sem desprezar a influência da Educação e da Instrução, nós achamos que há um conjunto de fatores sociais e econômicos que determinou a diferenciação de progresso entre as Capitais e o sertão e entre a região sêca e as outras.

A colonização do Nordeste se processou numa era anterior ao início da industrialização da Europa e se manteve isolada pela preocupação da fixação do homem ao meio, do seu abastecimento e da produção de matérias primas.

A internação da população no sertão, desprovido de comunicações, cortou o contacto efetivo das sociedades incipientes com o exterior.

Em tôrno do proprietário, que se estabeleceu, formou-se um núcleo de parentes, de compadres e de moradores, que se defendiam mùtuamente para a sobrevivência material e moral.

A antiga sociedade tradicional, do sertão, era integrada na vida da família, nas ocupações, nos divertimentos simples, e conservava ciosamente as suas condições com atitudes e costumes sociais, restritos.

O fazendeiro funcionava como pai da comunidade, banqueiro, chefe político, delegado, e, fora das crises de sêcas e dos conflitos de grupos, a sociedade era estável.

Mas, enquanto o sertanejo se embalava nas rêdes, a Europa caminhava a passos largos para a indústria diversificada e para a aplicação da ciência, em todos os ramos de atividades, provocando modificações profundas no comércio, nas finanças e na política do mundo.

Mantendo-se embrionária, a sociedade sertaneja foi surpreendida pelas novas idéias, pelas estradas, pelo caminhão, pelo avião e pelo

rádio, que aproximaram povos adiantados e atrasados, colocando-os em competição frente a frente, numa luta desigual e esmagadora.

Sob a influência das vias de comunicação, do aumento da população, da emigração e dos sofrimentos das sêcas, uma parte desta sociedade antiga dissociou-se, perdeu a austeridade, adquiriu mobilidade e debilitou as chefias locais.

Os últimos 50 anos trouxeram modificações mais profundas e arbitrárias, no NE, do que os 3 séculos anteriores; o panorama físico apresenta-se mais devastado, as trocas comerciais se intensificaram, destruindo o auto-abastecimento, e os contactos com os outros centros ampliaram os desejos dos homens nas conquistas materiais, causando um desajustamento da população com o meio. As obras de engenharia, as estradas, os açudes, a irrigação, etc., a mecanização da lavoura, a velocidade do caminhão, do avião e do rádio, introduzidos como uma cunha no ambiente sertanejo, sem a preparação do homem, significaram uma reação violenta, de fora para dentro, no processo social que vinha se manifestando em câmara lenta.

As alterações imprevistas, bruscas, nas condições de vida do povo, geram discordâncias graves porque o instinto e os hábitos normais são impotentes na acomodação imediata.

Entre as desarmonias, criadas pelas novas condições, sobressai-se a inferiorização da agricultura, como profissão. A agricultura deixou de ser uma ocupação nobre para se tornar um negócio egoista. Um fazendeiro instruído, que lê, está devastando os recursos naturais da região com a mesma intensidade do matuto; o sertanejo de 50 anos de idade já assistiu e sofreu pelo menos 4 crises de sêca e, ainda hoje, êle não guarda, nos anos chuvosos, uma parte das colheitas para salvar, na próxima sêca, a sua família e os seus gados. A imprevidência tem a fôrça do atavismo; o poder do costume é mais forte do que o sofrimento.

O exportador de matéria prima, embora tenha instrução, frauda o produto e concorre para diminuir o saldo de divisas da região.

Por que as cidades, o comércio. as fábricas e os laboratórios se desenvolvem mais depressa do que a agricultura? Por que as necessidades são sempre maiores do que as satisfações, mesmo quando o homem dispõe de mais poderes para produzir? Por que o avanço da Ciência não beneficia igualmente todos os setores da atividade humana?

As perguntas, que formulámos acima, sòmente poderão ser respondidas, e equacionadas as suas soluções, quando nós encararmos a Educação, a Instrução, o Trabalho, a Política e a Ciência nos seus verdadeiros significados e modificarmos as nossas idéias atualmente desvir-

tuadas do conceito humano, inato, eivadas de individualismo, de má compreensão e de exagêro intelectual.

Em geral, uma sociedade é atrasada em relação a outra no capital técnico (conhecimento e equipamento), na cooperação, nas relações sociais dos seus membros e no clima psicológico existente no ambiente das mesmas. Não existe uma sociedade civilizada totalmente atrasada; o subdesenvolvimento é parcial e relativo; a uma, a mais pobre, faltou a atuação do conjunto de fatores que influenciou mais completamente a outra — a mais adiantada.

A razão, a inteligência e a iniciativa são possíveis de progredir sob a influência da instrução; os costumes, as atitudes, a conduta e as inclinações pessoais, em relação à comunidade, são regulados pelos "mores" antes de qualquer reflexão.

A instrução técnica, levada ao sertanejo através da demonstração agrícola, não é bastante para fazer o lavrador mudar os seus hábitos de trabalho porque os costumes são determinados pela ética e não pelo intelecto, pela tradição e não pela ciência. O homem poderá achar boa aquela prática ensinada, porém a sua aprovação não nos garante que êle a adotará. Qualquer hábito para ser efetivo tem de, primeiramente, ser aceito pela comunidade.

Não é a fazenda que está ameaçada, mas, sobretudo a coletividade rurícola. O solo estragado e a vegetação destruída poderão ser recuperados, em tempo, porém se forem corrigidos os defeitos do autor da tragédia.

Não é a barragem que vai nos salvar, mas, sim, a compreensão, o o sentimento; e o patriotismo da população, que está junto dela, é que decidirá fazê-la ou não um elemento corretivo e útil para a comunidade.

Os adiantamentos tecnológicos, rápidos, da nossa éra, originam perturbações no desenvolvimento econômico-social com o aparecimento de fatores antes insuspeitos e requerem recentes ajustamentos mais complexos que os habitantes demoram a perceber. Cada avanço no aperfeiçoamento material distancia-se mais do nível intelectual e do estado sentimental da população, rompendo o equilíbrio da situação da comunidade.

O aproveitamento de novos recursos naturais e o aumento do cabedal de instrumento de trabalho, ao lado das exigêncais de maior habilidade humana, requerem do homem uma crescente dose de juízo para alcançar os fins nobres da existência em comunhão. O conhecimento é uma modalidade de poderio que tanto pode servir para as causas elevadas como para as más ações; se o humanismo não se aperfeiçoar proporcionalmente com a erudição, a comunidade caminhará para a desarmonia.

A Tecnologia modificou as condições exteriores da vida na sociedade retardada e não abreviou as reações psicológicas dos habitantes.

A sujeição do indivíduo iletrado aos outros habitantes, na mesma comunidade, e a alteração do meio físico, por influência externa, se ampliam mais ràpidamente do que o habitante pode adaptar as suas reações e os seus predicados às novas condições criadas.

As populações rurais vivem, agora, sob a influência das cidades. O nosso sistema educacional é individualista e o homem se preocupa com as operações até obter a produção; êle não vai além para investigar a distribuição de bens gerados para satisfazer as necessidades coletivas ou os efeitos que a riqueza produzida terá sôbre o bem estar da população.

As entidades de classe também herdaram o mesmo caráter: o sindicato é um movimento para a defesa da unidade profissional, para a luta e não para a união criadora; cada profissão se organiza em corporações para a reivindicação de direitos em vez de buscar a cooperação; os partidos políticos se digladiam para conquistar uma das 3 formas de poder em lugar de conjugarem os esforços em favor da prosperidade geral.

O povo atrasado carece aprender não sòmente novas práticas mas, também, a moderna acepção da vida, através da imitação de líderes verdadeiros e da reflexão íntima.

Uma técnica recém-introduzida no meio atrasado não pode, por si só, plasmar uma comunidade socialmente ajustada. A revolução técnica que desejamos desencadear no sertão não prescinde da evolução social em fases sucessivas e correlatas.

As empresas particulares, grandes e pequenas, com os seus negócios, suas fábricas, suas concentrações operárias, não devidamente estudadas, criam problemas sociais, exigem providências governamentais para resolvê-los.

Se uma entidade oficial resolve intervir na comunidade agrícola, matuta, para estimular o seu progresso, êste interventor deve assumir os riscos conseqüentes do empreendimento e evitar a desintegração da sociedade pela quebra da tradição antes da assimilação dos costumes condizentes com a nova ordem.

A diretriz principal da administração pública, nos últimos anos, convergiu para a elaboração de grandes planos, traçados em gabinetes, e a sua execução mais ou menos divorciada da participação do povo, com grandes gastos e poucos resultados. Por esta razão, os habitantes se julgam irresponsáveis pelos erros do Govêrno, pois, atrasados, êles não entendem onde querem chegar os homens públicos; êles, que sen

tem na carne os sofrimentos, não foram ouvidos nas suas necessidades mais urgentes, e negam colaboração àquilo que os dirigentes julgavam ser a salvação. O Govêrno quer fazer tudo e comandar o progresso, em vez de preparar o povo para êste obter o melhoramento pelo seu esfôrço. Quando o administrador faz tudo o povo não faz nada.

Em tôdas as regiões há alguns homens estudiosos, competentes, que não são funcionários e nem políticos. Êles poderiam colaborar com as repartições na seleção das obras mais urgentes e importantes para serem estudadas pelos órgãos oficiais sob o tríplice aspecto técnico, econômico e social. Não basta que uma obra seja tècnicamente possível e econòmicamente recomendável; urge saber, também, se ela é socialmente aceitável.

Qual a ordem, a intensidade e a rapidez com que uma sociedade suporta as alterações? Será possível levar o progresso a determinada coletividade sertaneja sem inocular-lhe mais defeitos e outros vícios da civilização? Ainda não dispomos de instrumentos e de processos para avaliarmos as reações vindouras de um grupo humano.

As aspirações de melhoria, não material, são muito acanhadas nas populações ignorantes e, quando há estímulo forçado para a elevação do padrão de vida, elas reagem paradoxal e inesperadamente.

A existência da água é julgada muito importante, porém o seu uso prático, para produzir o bem estar geral, perde-se na fraca vontade de melhoramento e na deficiência de iniciativas dos habitantes acostumados na comodidade do sossêgo.

O consciente e o inconsciente do matuto tendem a rebelar-se contra as cenas execessivamente rápidas dos acontecimentos, em constante transformação, e a magoar-se com a submissão à disciplina, ao ritmo e à padronização do homem no trabalho científico e na sociedade de contactos multiplicados.

O passado de isolacionismo secular dos rurícolas cimentou o individualismo, e as exigências do trabalho mútuo no cooperativismo e nas organizações sociais e econômicas, modernas, inclinam-se para a diminuição do indivíduo e para dar vitória à média das multidões, tornando, assim, o habitante um fator menos expressivo ou um simples elo uniforme de uma grande cadeia.

A sociedade da era científica concorre para acentuar a qualificação do homem como animal progressivo, mais ou menos desumanizado, em contraposição à sociedade antiga de caráter mais místico, natural e pacato.

É imprescindível uma campanha educativa para estimular o lavrador, a sua família e a comunidade rural nas suas iniciativas, no trabalho conjugado, para que as medidas governamentais sejam mais efi-

cientes. Os costumes para serem melhorados precisam de uma intervenção na tradição da sociedade local para salientar a importância das qualidades do indivíduo, para realçar as funções da comunidade e mudar a interpretação do mundo e a sua influência nas relações sociais e nos valores humanos.

O menino torna-se humano pela aprendizagem da fala, do comportamento e das atividades da sua sociedade, através da imitação, dos pensamentos inatos e dos hábitos tradicionais, e êle é o elo da cadeia que forma as gerações.

O progresso significa sempre uma evolução da tradição, sem destruí-la, para não desintegrar a sociedade. A técnica pura e simples é impotente para formar a reação em cadeia que conduz ao progresso, porque ela não considera os procedimentos, as crenças e as relações humanas no equilíbrio social.

O progresso nas comunidades rurais e urbanas, na sua complexidade, depende, de modo igual, da saúde, da educação, da instrução da cooperação, da produção, dos transportes, da satisfação das necessidades religiosas e sociais e do civismo dos habitantes, sem, entretanto, subestimarmos o valor da iniciativa individual e da ação coletiva.

Temos querido resolver os problemas do Ruralismo com a simples alfabetização e o ensino da técnica agrícola.

Não acreditamos que a educação e a instrução dos rurícolas sejam suficientes para harmonizar o progresso do campo com o das cidades.

Ao lado da formação da opinião esclarecida das gentes do interior, da consciência da responsabilidade de cada rupo humano do destino do seu ambiente, há necessidade também de desviar o pensamento dos citadinos para os assuntos do campo, de chamar a atenção dos que possuem autoridade executiva nas capitais, funções legislativas, deveres judiciários, dos que têm prestígio pela ilustração, influência financeira, etc., para criar um clima de receptividade para as idéias reformadoras da mentalidade do povo e auxiliar a campanha de recuperação econômica e educativa.

Em resumo, é um movimento para educar doutores pela demonstração de que os direitos da coletividade são sagrados em face das preferências pessoais, que a ajuda mútua é vital para a nossa sobrevivência, que o zêlo pelos recursos naturais é obrigação, que a instrução proporciona conhecimentos mas a vida gregária requer habilitação para vencer dificuldades, capacidade para cooperar com os outros e bom senso para discernir o bem do mal.

Há 3 pontos principais em que os homens de influência das capi-

tais devem inovar os seus pensamentos. São êles: a educação, a instrução, o trabalho, a política e a ciência.

A Educação: A ordem natural na formação da personalidade humana pode ser dividida em 4 fases: 1a.) nasce a criatura humana, abençoada por Deus; 2a.) cresce o filho da família com as responsabilidades morais; 3a.) forma-se o cidadão da pátria com os deveres cívicos; 4a.) prepara-se o profissional com encargos perante a sociedade.

No desvio da nossa formação, através dos séculos, o profissional tornou-se mais importante do que a criatura de Deus, o filho da família e o cidadão da pátria.

O que nós fazemos é julgado mais essencial do que aquilo que nós somos intimamente. O processo da integração da personalidade humana foi perturbado e confundida a classificação dos valores nos ideais da Verdade, da Bondade e da Beleza. Os valores espirituais do pensamento, do sentimento e da vontade foram ultrapassados pelas necessidades materiais e pela ciência. O intelecto é sòmente uma parte da natureza do homem e, por isto, é escasso o poder da inteligência na formação do homem integral.

Educar o habitante é estimular atitudes e aptidões que o levam a labutar para si e a cooperar para o bem comum. A paz e o progresso resultam das sociedades integradas, e estas, por sua vez, dependem dos indivíduos dotados dos mesmos ideais.

As sociedades integradas são aquelas onde há saúde para todos, garantia de sobrevivência econômica, liberdade de pensamento e respeito aos direitos alheios.

A vida média do homem tornou-se mais longa, o período escolar ampliou-se, ao mesmo tempo em que a duração do trabalho diminuiu; estas modificações resultaram em apreciáveis vantagens para os povos adiantados, em face dos atrasados, porque permitiu a transmissão mais completa das experiências avançadas dos velhos para os moços e a preparação mais eficiente da mocidade nas escolas e nas sociedades.

Nas suas contínuas modificações, as coletividades harmônicas progridem sem violência porque a tolerância, o sacrifício, a boa vontade de servir aos outros, a honestidade, a iniciativa, a operosidade, e a sinceridade facilitam vencer os desafios das novas situações com os inesgotáveis recursos das energias criadoras.

Pelo estudo, pela discussão e pelo hábito da meditação, o homem adquire a sabedoria e a vigilância mental constante, que lhe dão a capacidade, acima da simples razão e da lógica, para tomar as suas decisões.

A instrução: — A instrução, desenvolvendo a inteligência das populações alfabetizadas e impulsionando o progresso científico, tomou

um caráter muito universal e distanciou-se do comportamento moral e da dependência que o indivíduo deve manter com a coletividade. A Educação pode ser universalizada para o habitante sentir que é parte da Humanidade, porém a instrução carece de ser mais regional, mais ecológica, com programas mais profundos no conhecimento do meio. A generalização das conclusões científicas para ambientes diversos traz resultados duvidosos.

Contribuindo para o brilhantismo da inteligência, sem paralelismo com o sentimento e com a cooperação nas relações sociais, a Instrução obscureceu a reflexão sensata de cada dia como um exercitamento de penetração no raciocínio profundo em busca de esclarecimentos. Estamos perdendo o valioso poder de indagação íntima, diária; da concentração espiritual em silêncio, praticada regularmente; da consulta a nossa própria consciência como ato de disciplina das nossas decisões, de contrôle das nossas emoções e de retificação do nosso comportamento. O conhecimento interior do nosso eu está sendo desprezado e as vigorosas energias intrínsecas, de que somos dotados mas carecentes de cultivo, estão fenecendo.

A inteligência deu ao homem o domínio sôbre os outros animais, as plantas, o oceano e o ar; levou-o ao govêrno da Natureza pela Tecnologia; mas, com o desequilíbrio da personalidade, tornou-o inimigo de si mesmo, egoista e ambicioso.

A Instrução dá poder ao homem. Se a conduta moral não reprime as suas ações insensatas, nós temos a exploração multiforme do ignorante pelo alfabetizado, e a justiça social é impossível. Ao ensinar uma lição ou uma prática, o mestre precisa transmitir, também, uma fração da sua integridade moral ao aluno.

A Instrução é o meio de levar o conhecimento provado às gerações novas, porém o saber é evolutivo e deve ser corrigido constantemente para não se desvalorizar. A escola tem se mantido na rotina dos programas padronizados, isolada do lar e da comunidade, produzindo indivíduos indiferentes à sorte dos seus semelhantes. Além da tarefa de preparar os grupos compreensíveis entre si, de espírito acomodado para conciliar a diversidade das opiniões, ela deve exercer, também, a importante função de descobrir os talentos privilegiados, os gênios em potencial para, em colaboração com a formação moral da família e com a preparação espiritual da Igreja, forjar os líderes e os estadistas que conduzem a nação nas horas difíceis e servem de exemplos para imitação pelas pessoas de bom caráter. A escola não deve preparar o especialista para executar uma tarefa restrita futuramente, pois as imposições da existência são muito variadas e os estudos carecem de renovação contínua; ela deve estimular nos jovens o hábito de estudar, o

prazer de trabalhar, a alegria de servir ao próximo, a habilidade nas relações com os outros e a faculdade de cooperar com todos.

O trabalho: — A Tecnologia permitiu a multiplicação do esfôrço no trabalho, ampliou as realizações por unidade homem e tempo, porém não proporcionou a justa distribuição dos benefícios à comunidade.

A Civilização ocidental, na sua deflexão científica e materialista, perdeu a acepção espiritual e recreativa da labuta; as atividades quotidianas, manuais, passaram a ser julgadas como castigos e sòmente o labor intelectual é classificado como digno e nobre.

A reabilitação do trabalho manual, como coordenador do pensamento e da função das mãos é uma das principais finalidades da educação na formação da personalidade humana. A aceitação do labor manual é uma conciliação da vida com o sofrimento. Na ânsia de lazer e de gôzo, o homem quer banir a angústia. O trabalho em série, especializado, é monótono e enfraquece a energia criadora do indivíduo com o risco de transformar os resultados em poderio nas mãos de poucos homens não possuidores de espírito coletivo. Urge rever as classificações de valores do trabalho mental e manual para criar um novo conceito da labuta, que se sobreponha à opinião generalizada de que a tarefa das mãos é padecimento e humilhação.

As migrações, como as mudanças de profissão, são impostas pela necessidade de elevar a produção por trabalhador ativo no setor agrícola, pela urgência de desenvolver a fase secundária da industrialização e pelo imperioso crescimento das atividades terciárias, como: o transporte das mercadorias, o comércio, as construções, os bancos, o ensino, os serviços à comunidade, as profissões liberais, as diversões, a assistência social, etc., e esta procura de equilíbrio da população útil facilita o maior rendimento do trabalho e melhora o padrão de vida.

A prestação de serviços à comunidade, não sòmente no sentido filantrópico, mas, também, como ação fundamental, diária e espontânea, deve ser instigada para compensar e corrigir o caráter tirânico e egoista que a Ciência impregnou às lutas de classe no século XX.

À medida que as regiões adiantadas e as involuídas são colocadas em competição pela rapidez dos transportes, que se intensificam as operações comerciais e que se pluralizam os contactos entre os habitantes nas populações adensadas, torna-se imprescindível uma modificação nos hábitos de trabalho, considerando a paciência e a humildade como predicados positivos, para vencer as novas situações surgidas.

A participação dos grupos de homens especializados, nas tarefas de equipe, soma as experiências individuais e integra a multiplicidade de aspectos do problema, em causa, na concepção geral mais nítida e acertada para a solução feliz que a coletividade aguarda com inquieta-

ção. Existem imensas necessidades a satisfazer, nas expectativas do povo, que o poder temporal não pode contentar sem a cooperação decisiva das equipes afeitas ao trabalho mútuo e bem dotadas de compreensão e do espírito prestativo às causas da comunidade.

A evolução das atitudes deve propender para a íntima associação humana com o trabalho, a fim de que o habitante sinta a segurança de pertencer a um grupo que é o seu.

A mobilidade social, no Nordeste, e a deficiência do espírito fraternal nas ocupações têm a predisposição de desagregar a comunidade.

A autonomia da conduta e a responsabilidade pelo destino da região constituem um direito e um dever que amoldam a consciência dos indivíduos ao grupo, que reforçam o sentido de confiança nos outros, que lembram a fidelidade nas relações entre êles e favorecem as oportunidades para a cooperação coletiva.

A política: — A rapidez dos acontecimentos e a pressa que caracteriza os nossos atos na era atual, confundem a nossa faculdade de pensar; somos arrastados na avalanche de fatos imprevisíveis, das propagandas estrondosas, e não temos tempo para a reflexão calma e íntima que nos permita coordenar as resoluções. O sensacionalismo da imprensa e a pujança das estações de rádio, para monopolizar a atenção do povo, embaraçam a nossa mente e dificultam as possibilidades de conciliar a razão com o sentimento na luta interior de cada pessoa. Assim, talvez, se possa explicar a deterioração do indivíduo em relação aos assuntos políticos, a inferiorização do cidadão em face da coisa pública, porque êle se defronta com os fatos consumados, sendo, muitas vêzes, forçado a aceitar obrigações que lhe repugnam, a transigir com situações impostas por condutas não recomendáveis, fazendo-se enganar com promessas mirabolantes difundidas pelas propagandas organizadas para armar efeito.

Aceitando os candidatos a representantes do povo sem maior exame das suas qualidades morais, somando votos conscientes e comprados, colocando os direitos acima dos deveres do cidadão, julgando os honestos e os inescrupulosos pelo mesmo padrão, concedendo um grau de liberdade não compatível com o impreparo do povo, a Democracia acentua os extremos da riqueza e da pobreza, da ilustração e da ignorância, quando o govêrno é exercido por homens deficientemente educados. O regime democrático pressupõe a população preparada mentalmente e espiritualmente para a administração da coisa pública, mas, quando a média das opiniões serve de instrumento, nas comunidades involuídas, as decisões sôbre o destino da multidão não são as mais certas.

A alfabetização eleitoral, improvisada, para aumentar o número

de votantes, não concede qualidades de julgamento ao eleitor nas escolhas dos companheiros que irão resolver as magnas questões da nossa sorte. O nosso destino periclita ao sabor dos interêsses individuais. A inconsciência da massa avassala e subjuga, pelo volume, os mais puros ideais da minoria esclarecida e mais vigilante do futuro da sociedade.

A rapidez do progresso técnico se distancia do aperfeiçoamento da capacidade dos administradores e não foi acompanhada pela informação intensa dos fatos no seio da população atrasada, pouco permeável, resistente, com a inércia da rotina, à evolução dos costumes, às modificações do trabalho, ao planejamento das questões econômicas e ao estudo dos mercados para favorecer os consumidores.

Ao mesmo tempo, o administrador público e o particular são procurados para entendimentos com homens ignorantes e ilustrados, desonestos e virtuosos, pobres e ricos, com diferentes concepções de vida, com mentalidades individualistas, que, dispondo de alguns votos, se julgam com o privilégio de exigir benefícios pessoais em detrimento dos interêsses coletivos.

A Democracia funciona bem onde os homens discordam no pensamento; a opinião da maioria constitui a válvula de equilíbrio. Entretanto, quando a divergência ultrapassa o campo do pensamento e afeta a conduta da multidão, com desrespeito à liberdade alheia, o sistema democrático perde a eficiência. Confundimos a liberdade de pensamento com a autonomia do procedimento restrita, e, por isso, a democracia é muito mais um método de vida do que um sistema de govêrno.

A ciência: — A procura do conhecimento científico para atingir a Verdade é nobre no seu fim. A especulação dos princípios científicos para a indústria e para a guerra, visando obter domínio, é condenável porque tem a influência corrutora de perverter a mentalidade das pessoas ou de destruir a Natureza.

Devemos nos lembrar de que a Ciência, sendo amoral, é um agente perigoso que pode servir também de exploração e de lucro individual, ilícito. Sem dúvida, a Tecnologia contribuiu muito para o progresso material, porém o seu valor é muito reduzido na satisfação das nossas necessidades espirituais. Ela confere à inteligência uma ousadia que tenta conhecer todos os aspectos da realidade e, apesar da sua importância civilizadora, nós sentimos que a Ciência não pode ser superior à Religião, à Moral, à Filosofia e à Arte.

O emprêgo de princípios científicos, para criar engenhos de demolição, não significa a condenação da Ciência e sim a desaprovação do poder que ordena esta medida e do braço que lança a destruição.

A vida do indivíduo pode tender para o bem ou para o mal conforme a herança dos caracteres genéticos e a sua preparação para a

santidade ou para o crime. No mundo, habitado por cientistas e ignorantes, bons e maus, ricos e pobres, o nosso futuro está à mercê da liberdade de comportamento do habitante, da autonomia outorgada pela faculdade de transformar os pensamentos em atos. A descoberta da pólvora ou a desintegração do átomo não amaldiçoam o cientista, mas o uso dos explosivos, para a destruição, demonstram que a maior parte da Humanidade ainda se inclina para o mal e que a sociedade não sabe controlar as suas invenções para conseguir a paz e a felicidade. O cérebro que pensa e a mão que age precisam estar subordinados à harmonia da personalidade integrada, mista de divino e de humano. A Ciência, acumulando muitos proveitos e malefícios, e a educação com a instrução preparando santos e demônios, obscureceram o discernimento entre a justiça e a iniquidade.

As conclusões científicas são realidades parciais, suscetíveis de revisão nos estudos posteriores, de modo que nunca são finais ou definitivas.

Os especialistas em ciências naturais raramente compreendem as questões econômicas e sociais; éles se preocupam com os fenômenos físicos e químicos, não se aprofundam nos efeitos da riqueza e nas suas conseqüências sôbre a vida futura dos habitantes. Assim, o cientista tem sido, até certo ponto, um irresponsável social, que julga os assuntos independentemente da ética.

Não podemos viver sem a Ciência, mas o nosso bem estar depende da aliança que pudermos conseguir entre o conhecimento e o poder para a cooperação entre os cientistas, os administradores e o povo.